

FORMAÇÃO MATEMÁTICA EM CURSO DE PEDAGOGIA: UM ESTUDO DE CASO

Thiago Tavares Borchardt¹; Márcia Souza da Fonseca²

¹Universidade Federal de Pelotas – *thiago-tb@hotmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *mszfonseca@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A necessidade desse estudo surgiu a partir de experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), programa governamental que visa qualificar a formação dos estudantes de cursos de licenciatura. Nesse projeto, os acadêmicos do curso de Licenciatura em Matemática realizavam oficinas, palestras, monitorias e aulas práticas no ensino fundamental e médio em quatro escolas públicas. Para tanto, efetivamos reuniões periódicas de estudo, organização de futuros projetos, apresentações dos trabalhos realizados em cada escola e discussões de resultados de ações passadas.

Em discussões sobre tais atividades foram constatadas algumas dificuldades de muitos estudantes, quanto aos conteúdos de matemática do ensino básico tais como adição, subtração, multiplicação e divisão, em todas as escolas participantes do programa. Nesse momento surgiu a questão: Em que momento da vida escolar iniciam-se as dificuldades?

A partir de tal indagação, buscou-se um curso de Pedagogia de Instituição de Ensino Superior (IES) da cidade a fim de analisar o documento referencial do curso, Projeto Pedagógico (PPC) e observar como propostos, nas ementas das disciplinas, trabalhados com conceitos básicos matemáticos, no sentido de verificar como as maneiras de trabalho implicam em formas de subjetivação dos licenciandos, futuros professores das séries iniciais.

A realização do trabalho foi alicerçada em autores como Saviani que fala que o curso de Pedagogia deve fornecer uma fundamentação teórica que permita uma ação coerente, o desenvolvimento de uma consciência aguda da realidade em que os futuros professores lecionarão e uma instrumentalização técnica que permita uma ação futura eficaz.

Então, esse trabalho pretende mostrar um breve estudo que teve por objetivo buscar informações documentais relacionadas a um curso de Pedagogia e às disciplinas objetos de estudo, no sentido de entender de que forma tais discursos subjetivam os futuros pedagogos, entendendo como Gadelha (2009), que a educação se agencia ao problema da subjetividade,

(...) envolvendo-se em processos, políticas, dispositivos e mecanismos de subjetivação, isto é, de constituição de identidades, de personalidades, de formas de sensibilidade, de maneiras de agir, sentir e pensar, normalizadas, sujeitadas, controladas. (Gadelha, 2009).

2. METODOLOGIA

Os objetivos propostos pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) por meio da Resolução nº 1, de 15 de maio de 2006 preveem que o curso de pedagogia:

(...) destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos iniciais do Ensino Fundamental,

nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (CNE/CP Nº 1).

O Projeto Pedagógico do curso de Pedagogia da universidade em questão, aprovado segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2006 propõe, em relação ao seu currículo, a integração, interdisciplinaridade, trabalho coletivo, autonomia, cooperação e solidariedade, com a finalidade de contribuir para (re)definir e/ou implementar uma política de profissionalização dos professores das Séries Iniciais e dos da Educação de Jovens e Adultos.

Após análise dos documentos buscou-se a Coordenação do curso de Pedagogia, que se dispôs prontamente a informar sobre a estrutura do curso e a função da matemática na formação dos acadêmicos. Abaixo os relatos mais relevantes para esse estudo.

Durante a conversa com a coordenadora do curso, foi questionado o fato de apenas uma disciplina trabalhar com a matemática durante toda a graduação. A coordenação reconheceu e justificou essa carência curricular por vários motivos, tais como: não ter como modificar a carga horária do curso, a Universidade não possuir professores especializados para tal finalidade e a falta de interesse dos graduandos quanto à disciplina. Outro fator analisado foi que em atividades extracurriculares, como congressos, semana acadêmica e também em disciplinas optativas, são pouco procurados temas referentes à matemática e seu ensino. A coordenadora justificou tal fato apontando, novamente, a falta de interesse dos licenciandos quanto à matemática.

Em relação à estrutura física, a faculdade dispõe de um laboratório de ensino de matemática, onde se pode encontrar diversos materiais concretos para realização de atividades práticas, mas, segundo a coordenadora, é pouco utilizado.

Após teve-se a oportunidade de conversar com a professora da disciplina de Teoria e Prática Pedagógica (TPP), pertencente à grade curricular do curso, sobre suas atividades e métodos relacionados ao ensino de matemática. Abaixo estão relatados pontos principais para esse estudo.

No início da entrevista foi solicitada a ementa da disciplina para uma melhor análise dos conteúdos trabalhados, quando a professora afirmou que tal ementa não existia e comentou: *“Eu sei a ordem dos conteúdos a serem vistos, não preciso me basear em uma ordem específica”*. Segundo ela os conteúdos matemáticos são ministrados da seguinte maneira: construção do número, noção de quantidade, sistema numérico decimal, operações básicas, medidas (tempo, massa, volume, etc.), termo desconhecido, geometria espacial e problemas.

Segundo a docente, suas aulas são trabalhadas de forma a apresentar aos alunos metodologias de ensino dos conteúdos, visando à interdisciplinaridade e a matemática da vida, e para isso fazia uso constante do laboratório de matemática do curso. Ao final foi solicitado um espaço em uma de suas aulas para a aplicação de questionário com os estudantes, com objetivo de analisar como a matemática era percebida pelos mesmos e, de que forma estavam subjetivados pelo tratamento dado à disciplina no decorrer do curso.

O questionário seria realizado durante a aula de encerramento da disciplina, após avaliação individual e socialização dos aprendizados durante e em relação à disciplina.

Na semana seguinte, ao chegar à sala de aula, pode-se observar certo desconforto por parte dos discentes em ter uma pessoa “estranha” observando a avaliação final.

Durante os relatos, pode-se observar que em geral os acadêmicos gostaram bastante do trabalho desenvolvido na disciplina, apesar de não terem muita facilidade com o conteúdo, elogiaram a didática da professora e consideraram essa, uma disciplina de suma importância para seus currículos. Uma das alunas que relatou não gostar de matemática disse o seguinte: “A matemática não é chata, basta sabermos qual metodologia utilizar”.

Ao final das apresentações orais dos alunos e das considerações finais da professora foi apresentado à turma, então foi esclarecido o motivo de estar observando a aula e, com o consentimento de todos, deu-se início ao questionário escrito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira pergunta do questionário indagava os estudantes sobre os seus gostos pela disciplina. Através das respostas se pode verificar que 36% dos alunos disseram gostar de matemática, 32% gostam parcialmente e 32% afirmaram não gostar. Apesar do índice dos alunos que responderam gostar ser maior, a maioria deles relatou que gostam da matemática ensinada na faculdade, pois àquela vista no ensino fundamental não influenciou na aprendizagem deles. Segundo palavras de uma das entrevistadas, “*Gosto de matemática, pois aprendi que ela é muito importante no dia-a-dia. Mas credito que da forma como ela é passada na escola, não contribui para a vida*”.

Apenas 21% dos estudantes questionados acreditam ser suficiente a matemática vista no currículo do curso e ainda afirmaram que se fosse oferecida outra disciplina sobre essa temática, provavelmente não a cursariam.

Na questão que abordou o conteúdo trabalhado na disciplina de TPP, apenas 34% dos alunos soube descrever, os outros 66%, apenas relataram que foi visto a matemática da vida.

Sobre a utilização do laboratório de matemática os estudantes relataram não saber sobre a sua existência e nunca haver ocupado seu espaço.

A tabela abaixo apresenta os dados coletados no questionário sobre os conteúdos de matemática.

Tabela 1

	O que é um número decimal?	O que é uma variável?	Como é trabalhada a construção do número?	O que é uma fração?
Sim	32%	13%	50%	68%
Parcial	3%	5%	3%	11%
Não	66%	82%	47%	21%

Tabela 1. Análise das respostas quanto ao conhecimento dos alunos. Sim: Acertaram a resposta; Parcial: Souberam responder parcialmente; Não: Não acertaram a resposta ou não responderam.

4. CONCLUSÕES

Através das informações coletadas nos documentos do curso de Pedagogia – documento curricular do curso –, das falas dos docentes do curso e da análise dos questionários respondidos pelos acadêmicos, percebe-se algumas formas de subjetivação que estão constituindo a docência dos futuros professores de séries iniciais, em relação à matemática escolar.

Isso apontou para a necessidade de se ampliar o estudo na direção de uma investigação mais complexa, em outras IES, que agora vem sendo desenvolvida em pesquisa no curso de pós-graduação, no sentido de aprofundar uma discussão sobre os processos de constituição de identidades docentes na formação inicial de professores que ensinarão matemática nas séries iniciais da escolarização básica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. (Resolução do CNE/CP nº 1, 18/02/2002), Brasil, 2002. Acesso em março 2012.

_____. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia (Resolução nº1, de 15/05/2006), Brasil, 2006. Acesso em março de 2012.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados, 1996.